

IRIDOLOGIA EM MEDICINA VETERINÁRIA

Dr. Jorge Meneghello

Veterinário – Homeopata e Iridologista

Partindo-se do princípio de que Ignatz Von Peczely descobriu a IRIDOLOGIA observando a íris de uma ave silvestre, concluímos que esta ciência se adapta perfeitamente bem aos moldes doutrinários da Medicina Veterinária clássica. Para tanto verificamos que dentro da clínica de pequenos

3536

animais o proprietário nem sempre nos traz uma história condizente com o estado clínico real do seu animal, o que é muito importante para o veterinário, pois os animais apenas expressam sutilmente o que sentem. Portanto ao efetuarmos o exame iridológico destes animais colheremos dados de relevante importância, que nos conduzirão a um raciocínio propedêutico que resultará em um diagnóstico. Além do mais os resultados provenientes do procedimento terapêutico eleito poderão ser acompanhados através das modificações estruturais das lesões iridológicas observadas, que nos indicarão se realmente trilhamos o caminho da cura.

Sabemos que hoje em dia a postura do veterinário frente a situações que requerem o uso de exames complementares como o raio X, exames laboratoriais, ultra-sonografia, ecocardiografia, eletrocardiografia, eletroencefalografia etc. é muito limitada, pois na maioria das vezes o proprietário não dispõe de tempo ou recursos financeiros que permitem aos profissionais utilizá-lo e, no entanto, existe a cobrança para que os resultados sejam rápidos e eficazes.

No campo de trabalho dos grandes animais (eqüideos, bovinos, caprinos, etc.), o uso da IRIDOLOGIA não só direcional o raciocínio do clínico, mas também evitaria o uso de abusivo de drogas como antibióticos,

corticosteronas, hormônios etc., pois, como veremos mais adiante, essas substâncias aparecem impregnadas na íris desses animais na forma de sinais característicos e, o que é muito pior, permanecendo por longo período nos tecidos iridais e por, consequência, nos tecidos de toda estrutura corporal. Esta posição da IRIDIOLOGIA Veterinária é muito importante, já que os seres humanos irão se alimentar dos tecidos em questão, o que aumenta a responsabilidade do médico veterinário.

Infelizmente há uma carência muito grande, mundialmente, de pesquisas e literaturas específicas no que se refere ao uso da IRIDIOLOGIA em Medicina Veterinária, prova disso é a inexistência de mapas iridológicos das diferentes espécies animais, o que nos obriga ao estudo comparativo ao mapa da íris do ser humano.

Para fins didáticos utilizaremos o estudo da íris do cão, cabendo aos profissionais interessados fazer a transposição para as diferentes espécies animais.

Uma das primeiras dificuldades de se efetuar o exame iridológico do cão será a de contenção, já que o uso de drogas sedativas é contra-indicado, pois a maioria delas provoca alterações pupilares. Outro fato será a necessidade de um ambiente tranquilo, já que o estresse do animal provocará a midriase. Observaremos também que no cão, assim como em outras espécies, a estrutura anatômica denominada Membrana Nictante ou Terceira Pálpebra limitará o campo de visualização de íris.

A utilização de uma lupa com aumento aproximado de 2 a 4x e com iluminação própria se faz necessário, apesar de muitas vezes o animal não permitir a incidência da luz diretamente em seus olhos. Nesse caso examinaremos sua íris em um ambiente bem iluminado ou com a luz solar.

Pelo que vimos anteriormente, concluímos que o exame tem de ser

rápido, partindo-se do geral para o específico, ou seja, da constituição para as lesões específicas em cada órgão.

ANATOMIA DA ÍRIS DO CÃO

A íris do cão controla a passagem da luz através de uma pupila que é redonda, semelhante à humana. Pode ser amarela, marrom ou azul, quando vista no animal vivo, e pode possuir uma borda pupilar escuramente pigmentada. A camada pigmentada, na superfície posterior da íris, é uma continuação da camada pigmentada da retina. Esta camada é espessa e parece possuir estriações radiais. A íris do canino possui fibras do músculo esfíncter, que se estendem da margem da pupila no sentido da base da íris. Elas são mais espessas aproximadamente na metade da distância entre a margem pupilar e a base da íris. As fibras dilatadoras podem se entrelaçar nas fibras do músculos esfíncter, mas elas não são tão fáceis de serem reconhecidas como fibras concêntricas do esfíncter.

A íris possui um círculo arterial maior, próximo à sua base (visível), que está suprido pela artéria ciliar longa. O círculo assim formado supre a íris enviando alguns ramos para o corpo ciliar. Um círculo arterial menor está ausente na íris do canino.

O controle nervoso das fibras dilatadoras é feito pela parte simpática do sistema nervoso autônomo, e controle do músculo do esfíncter pelo, parassimpático.

A COR DA ÍRIS DO CÃO

Só se consideram normais as cores amarelo, marrom e azul (nos cães da raça Husky Siberiano). Estas cores têm que ser brilhantes, sinal inequívoco da pureza hormonal. É muito significativo o fato de que as drogas e vacinas mudem a coloração da íris. 38

EXAME DA ÍRIS

Ao iniciarmos o exame deveremos inspecionar a esclera de ambos os olhos, visto que inúmeras patologias levam a alterações em seus vasos e sua coloração como, por exemplo, as doenças congestivas dos órgãos abdominais que em menor ou maior grau congestionam também os vasos da esclera. Outro exemplo seria uma coloração amarelada (ictérica), sugerindo as doenças hepáticas.

O segundo passo seria verificarmos a integridade e a fisiologia da pupila, relacionando suas alterações ao sistema nervoso central (simpático e parassimpático), além, das deformidades anatômicas e de sua descentralização. Para nós, essas alterações representam proporcionalmente maior ou menor integridade do organismo animal.

O passo seguinte será o de avaliarmos, através da disposição das fibras da íris e de sua coloração, a constituição do, organismo, que examinaremos. Uma íris constitucionalmente forte terá como características fibras compactas sem apresentar relevos e com uma coloração uniforme e brilhante. Já uma íris constitucionalmente fraca apresentará fibras musculares irregulares, desenhando por sua vez formas e contornos em toda sua extensão, além de apresentar diferentes tonalidades de cores na mesma íris. Os animais classificados como “fortes” terão certamente uma vida clínica livre de patologias, salvo os casos em que o clínico veterinário interfira periodicamente nesta condição ou ainda o meio em que viva apresente constantes agressões alimentares e psico-emocionais. Os animais classificados como “fracos” terão uma vida clínica com patologias recorrentes desde funcionais até degenerativas. Se nesses casos o clínico não se posicionar na manutenção da integridade imunológica, livrando-o de agressões constantes do tipo hipervacinação e supressões medicamentosas, este animal estará sujeito a doenças agudas (infecto-contagiosas) ou doenças crônicas, na tentativa deste

organismo se compensar.

Em nossa experiência verificamos que na formação das raças efetuadas pelo homem, expondo os animais a excessivos cruzamentos consangüíneos, formaram-se também animais constitucionalmente fracos, e que, quanto mais puro e de padrão mais perfeito, segundo o conceito do ser humano, mais fraca será sua constituição.

Estabelecida a constituição, devemos examinar os detalhes sempre da pupila para a periferia, procurando localizar primeiro as regiões dos órgãos primários como: pulmão, rim, fígado, etc., que servirão como referencial para identificar as demais áreas.

Com um mapa na mão devemos assinalar todos os sinais característicos de cada paciente, tais como lesões, acidez. Isso possibilita uma prescrição adequada e o acompanhamento do tratamento.

Lembrando que nos animais o exame deve ser rápido, evitando assim o estresse. Nessas condições, e na maioria dos casos, a finalidade de um exame completo acaba por ser comprometida, o que nos conduzirá à observação apenas dos sinais mais evidenciados.

Um recurso utilizado recentemente de grande valia no estudo e acompanhamento do caso clínico, é o registro iridográfico, que permite ao profissional observar detalhes que deixaram de ser devidamente compilados, dada às dificuldades já mencionadas anteriormente. Esta técnica possui o inconveniente de, em geral, não permitir o registro total do íris, pois a terceira pálpebra e o reflexo fotossensível acabam por atrapalhar a exposição para boas fotos.

O QUE A ÍRIS PODE REVELAR EM MEDICINA VETERINÁRIA

O estudo em Medicina Veterinária está apenas no começo. Portanto,

ressaltamos alguns itens mais importantes para uma boa avaliação da íris dos animais:

Constituição

Lateralidade (principalmente quando associamos ao tratamento homeopático)

Integridade e característica gerias do tubo digestivo

Debilidade genética dos órgãos e tecidos

Inflamação dos tecidos

Pobre assimilação de nutrientes

Supressão indicada pelos sinais de cronificação

A manifestação da lei de Hering

Avaliação da terapia utilizada

Impregnações tóxicas nos órgãos e tecidos

A qualidade da força nervosa avaliada através da banda do sistema nervoso autônomo

Lesões do tipo aguda, crônica ou degenerativa.

Anais do Congresso Brasileiro e Internacional de Iridologia.

Santo André – São Paulo - Brasil - 1998